

HOMENAGEM AO PROCURADOR-GERAL DO ESTADO

Em 8 de julho de 1968, os Procuradores do Estado homenagearam o Dr. Lino Neiva de Sá Pereira com um jantar a que compareceram o Exm.^o Sr. Governador e outras altas autoridades, federais e estaduais. Nessa ocasião, proferiu o Procurador-Geral do Estado o discurso que adiante transcrevemos:

“Seria insincero e com falsa modéstia falaria se não confessasse, de início, ser este momento um dos mais felizes da minha vida, que já vai longa.

Jamais pude sequer sonhar ou imaginar ver reunidos ao meu redor tantos amigos, que aqui vieram expressamente para trazerem o seu apoio e a sua solidariedade à obra que venho realizando à frente da Procuradoria Geral do Estado.

Nenhuma recompensa maior.

Cumpre-me aqui, em sã consciência, examinar, em profundidade, o que teria feito eu para merecê-la.

Cumpri o meu dever e confiei nos meus auxiliares.

No cumprimento do dever tive oportunidade de dar aos meus companheiros, todos muito mais moços que eu, o exemplo diuturno do amor ao trabalho, da fé no direito, espírito de classe e amor à coisa pública.

A minha experiência supriu a minha deficiência e serviu para abrir caminhos aos jovens que vêm assistindo envelhecer um velho, cujo coração não envelhece, cuja inteligência está sempre e cada vez mais apta a apreciar-lhes os trabalhos, estimulando-os com os seus aplausos e fazendo questão de trazê-los à luz da ribalta judiciária e governamental.

A nossa Procuradoria é hoje um verdadeiro trabalho de equipe, onde a minha tarefa consiste em procurar no soberbo plantel de que dispomos, os homens-chaves para as várias posições.

Aceitei esta manifestação para, aqui de público, transferi-la a essa plêiade de magníficos auxiliares, e a todos os Procuradores que vêm correspondendo, de modo magnífico, ao apêlo de seu chefe.

Hoje foi o dia escolhido para o aplauso geral àquela orquestra a que se referiu o nosso orador e meu particular amigo Carlos de Laet — hoje novamente sob a minha direção.

Os músicos agora já são em número bem maior e estão todos muito bem ensaiados e afinados. Os cansados se retiraram e os que só sabem

solar ficaram reservados para as ocasiões próprias. A “furiosa” de então transformou-se hoje em uma magnífica Sinfônica.

Com essa orquestra até eu posso ser um Toscanini, um Stokowsky ou um Barbirolli.

Suponhamos, fazendo abstração do tempo, que pudesse ter havido uma orquestra composta só de verdadeiros *virtuosi* e que a uma sua exibição estivessem presentes Bach, Beethoven, Mozart, Debussy, Stravinsky e tantos mais.

Pois agora, neste jantar, e com a nossa sinfônica judiciária da Procuradoria-Geral do Estado está acontecendo exatamente isso.

Os Procuradores, seus componentes, são todos grandes cultores do direito e na sua maioria já mestres, professores e autores consagrados.

Para aplaudi-la estão presentes aqueles músicos a que aludi e que, no caso, são os Exmos. Srs. Ministros do Supremo Tribunal, Desembargadores, Reitores e Professores de Direito aqui presentes.

Outros aplausos estamos recebendo neste momento, e também muito importantes: são os do empresário que, no nosso caso, é o Governo, chefiado pelo Exm.^o Sr. Embaixador Francisco Negrão de Lima, de quem recebemos a honrosa designação e que se mostra satisfeito e contente com o nosso trabalho.

Tudo temos feito para corresponder à sua confiança e desempenhado com absoluta lealdade, probidade profissional e ânimo forte e decidido as nossas tarefas.

Somos todos, acima de tudo, advogados.

Advogado que não vibra, que não luta de verdade, esgotando todos os meios de recursos, indo às vezes até ao exagêro, não é advogado. Pode ser um jurista, mas Procurador do Estado, nunca.

Todos nós sofremos com os mesmos reveses e vibramos com as mesmas vitórias, entre nós não existem apáticos ou indiferentes.

É um grande prazer para nós, ver, no fim das tardes, e porque não dizer, noites a dentro, se reunirem no meu Gabinete vários Procuradores, de vários setores, para discutirmos e combinarmos a forma de agir nesta ou naquela questão e a opinião a dar neste ou naquele caso administrativo.

É de se ver o calor dos debates e a harmonia e a compreensão reinantes.

Daí resulta que oferecemos sempre ao Governo soluções, propomos novas medidas, fazemos sugestões, mas nunca apresentamos problemas ou dificuldades, porque a nossa função é a de resolvê-los.

A essa forma de trabalho podemos atribuir o aumento das nossas vitórias a ponto de podermos afirmar que nestes dois últimos anos vencemos todas as principais demandas do Estado.

Acompanhamos atentamente todos os passos da evolução social, apontando ao Governo as fórmulas que, dentro do regime constitucional vigente e com completo apoio, correspondência e prestígio do Governo Federal, possam preparar o campo adequado ao desenvolvimento pacífico e tranqüilo do Estado.

O momento que atravessa o País mostra apenas que, se os tempos não são sempre os mesmos, os métodos porém não variam.

Há quase um século, na Casa dos nossos maiores, em Portugal, acontecia essa ânsia de reformar, tão bem caracterizada no 1.º número das *Farpas*:

“Os jornais do mês a que este volume se refere insistiram frequentemente no caso aflitivo de haver profundas divisões no interior do partido reformista. Historiam-se as aludidas separações pela maneira seguinte: O sr. Latino Coelho, ouvindo a notícia de que partira para Fontello o sr. bispo de Vizeu, acendeu com notória imprevidência política um charuto. Os reformistas, ao saberem tal, dividiram-se imediatamente em reformativos e em reformeiros. Ao outro dia, sem que até hoje se pudesse saber para que, o sr. Cortez, sem prevenir o partido, assoou-se. Não foi preciso mais nada para que desde logo rebentassem do solo, abundantes como tortulhos, os reformativos, os reformatotes e os reformengos. Pelo mesmo tempo o sr. bispo de Vizeu, acordando uma manhã sem se lembrar de coisa alguma que cortar no corpo social, foi-se ao seu próprio corpo e cortou um calo. O resultado foi surgirem como uma praga sobre a superfície do globo os reformatroncas, os reformatóxicos e os reformativos. Como o *Diário Popular* sorrisse, romperam como por encanto dos seios dos cosmos os reformáfobos, os reformingas e os reformávaros. O *Jornal do Comercio* ia protestar quando das pedras das ruas pulularam aos enxames os reformônimos, os reformânticos e os reformínimos. O partido então reuniu-se para tentar um acôrdo. Os primeiros porém que apareceram para falar foram os reformaricas, os reformecos, os reformalhos, os reforminhos, e os reformocas. Ia-se propôr uma conciliação quando entraram de roldão na sala os reformáquicos acompanhados dos reformirtos, dos reformagros e dos reformópides. Os reformolares e os reformigansos, que tinham ficado na escada, principiaram a patear, quando saltaram em onda pelas janelas dentro os reformonegros, os reformavos, os reformilhas e os reformudos. Os reformudos perguntaram: “Onde estão os reformônidas, os reformambicos e os reformifugos?” Um reformélico invejoso respondeu com rancor: “Hão de estar provàvelmente a jantar com os reformafóbios, com os reformigalhos e com os reformafétidos.”

Uma voz misteriosa e trovejante perguntou: “E os reformadores onde é que estão?”

Ninguém o sabia”.

Os reformadores são, na verdade, os Governos que, dentro da realidade econômica e social, e sentindo as deficiências, procuram corrigi-las com atos e não com palavras

O Governo de que temos a honra de fazer parte es'á cheio d'esses atos, e o povo pode estar certo de que em clima de tranqüillidade e confiança outros mais, muitos outros hão de vir, diminuindo sempre a distância que separa o pobre do rico, os felizes dos infelizes, e aproximando, cada vez mais, os que podem consolar daqueles que precisam ser consolados.

Como no fim dos concertos, o Maestro pede aos seus músicos que se levantem para, juntos, receberem os mesmos aplausos: Procuradores, de pé”.